

A Análise Crítica de Discurso como Bússola Metodológica para a Pesquisa de Representações no Jornalismo de Quebrada¹

Juliana Salles de Souza²

Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala³

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), São Paulo, SP

Resumo

O artigo tem o objetivo de explicitar o papel da Análise Crítica de Discurso (ACD) na pesquisa de representações e ressignificações no Jornalismo de Quebrada, modelo combativo, emancipatório e híbrido localizado no âmbito da comunicação popular, alternativa e comunitária. Conclui-se que o *Periferia em Movimento*, criador da nomenclatura “Jornalismo de Quebrada”, representa as periferias paulistanas por meio de temas correlatos à cultura e identidade periféricas e diversificação de lugares retratados na série de reportagens e artigos *À margem da margem*.

Palavras-chave: Análise Crítica de Discurso; Representações; Jornalismo de Quebrada; Periferia em Movimento; Ideologia

Um mapa-múndi do Jornalismo de Quebrada

Dentro do meio jornalístico, editorias e modelos variados diversificam angulações, tipos de fontes, formatos e objetivos. Apesar das convergências e da solidariedade editorial, a comunicação, cujo posicionamento político-ideológico apresenta-se como alternativa ao *status quo*, também possui diferenciações. Em geral, denominações como “popular”, “alternativo” e “comunitário” são utilizadas como sinônimos para designar produtos comunicacionais com caráter contra-hegemônico. Há, entretanto, oscilações conceituais entre os termos. Observa-se ainda o surgimento de novos conceitos, para abarcar novas práticas comunicacionais e jornalísticas.

A denominação “jornalismo de quebrada” foi criada pelo *Periferia em Movimento*⁴, que se propõe a produzir conteúdos “sobre, para e a partir das periferias”⁵. O termo é utilizado nos cursos de extensão e formação universitária coordenados pelo coletivo. A

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista recém-formada pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e pesquisadora vinculada ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP), E-mail: jusalles94@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Bacharel em Jornalismo e em História. E-mail: liliancrepaldi@uol.com.br

⁴ Criado a partir de um projeto experimental de conclusão de curso em 2009 na Universidade de Santo Amaro (Unisa), o coletivo de comunicação *Periferia em Movimento* tem como objetivo produzir e disseminar conteúdos a respeito das quebradas paulistanas, em especial sobre os bairros do Extremo Sul de São Paulo, local em que os coordenadores do coletivo, os jornalistas Aline Rodrigues e Thiago Borges, residem.

⁵ Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

expressão possui uma especificidade geográfico-espacial ligada aos propósitos do coletivo de comunicação paulistano: o vocábulo “quebrada” consiste em uma gíria paulistana para falar sobre as periferias da capital paulista. De acordo com Alexandre Barbosa Pereira⁶ (2010), a palavra quebrada é utilizada para

referir-se aos bairros da periferia de onde vêm, tanto por pixadores como por outros jovens, principalmente os ligados ao hip hop. Essa denominação tornou-se, aliás, bastante popular e difundida entre os moradores de bairros da periferia de São Paulo de uma maneira geral. Embora a noção de quebrada se apresente como um modo particularizado de se referir a um determinado bairro e às relações específicas entre os moradores de uma localidade, ela remete também a uma disposição de apresentar o bairro onde se vive para quem é de fora, caracterizando-o como um lugar arriscado, hostil e perigoso para quem não pertence a ele e não conhece suas regras. A quebrada é, portanto, associada também à ideia de um bairro periférico pobre com altos índices de violência, onde não se deve desrespeitar as normas de conduta. (PEREIRA, 2010, p.37)

Pereira observa ainda que o vocábulo está associado à dimensão de risco, pois “aqueles que nela residem correriam mais riscos e enfrentariam maiores adversidades, sendo, portanto, mais fortes” (p.45). Em algumas circunstâncias, o termo pode indicar ainda valorização do bairro no qual se reside e quebra com o centro. Falar em quebrada pode configurar também a ideia de junção entre todas as periferias da metrópole paulistana.

O jornalismo de quebrada é um dos exemplos atuais de reelaborações e hibridismos teórico-práticos no campo da comunicação popular, alternativa e comunitária⁷, a qual é definida por Cicilia Peruzzo como:

(...) constituída por iniciativas populares no contexto de localidades, bairros, comunidades (presenciais ou virtuais), movimentos sociais e organizações civis congêneres sem fins lucrativos. Surgem para suprir necessidades de expressão de segmentos das classes subalternas em suas lutas pelo estabelecimento da justiça social. Constroem uma outra comunicação que se distingue da mídia comercial pelos conteúdos difundidos, formatos, sistemas de gestão, pela participação da população e pelo compromisso com o interesse público (PERUZZO, 2009, p.11)

Enxergar o jornalismo de quebrada como um hibridismo implica em retornar a categorizações anteriores dentro das práticas comunicacionais contra-hegemônicas. Na pesquisa, estudou-se, de forma mais aprofundada, os modelos alternativos (DOWNING,

⁶ O autor foi entrevistado pelo *Periferia em Movimento* para a série *À margem da margem* e ganhou espaço para escrever um artigo sobre escola, juventude, funk e periferia no mesmo projeto. Entre a bibliografia disponível sobre o termo quebrada, Pereira é o que apresenta mais dados sobre a denominação. Nos demais casos, menciona-se que as periferias ganharam o apelido de quebrada em São Paulo, mas não se especifica detalhes sobre o conceito.

⁷ O quadro teórico da pesquisa foi elaborado a partir de um mapa teórico compreendido pela Sociedade em Rede (CASTELLS, 2003), composto pelas latitudes dos Estudos Culturais Latino-Americanos (GARCÍA-CANCLINI, 2005; MARTÍN-BARBERO, 2004;) e as longitudes das Geografias da Comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2004; MOREIRA, 2012; SANTOS, 2009).

2002; FIORUCCI, 2011; HAUBRICH, 2015; KUCINSKI, 2003), radicais (DOWNING, 2002), comunitários (HALL, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2004; PERUZZO, 2009; YAMAMOTO, 2008), populares (HALL, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2004; PERUZZO, 2009); participativo-cidadãos (FONSECA; LINDEMAN, 2007; LIMA JÚNIOR, 2009; TARGINO, 2009) e emancipatórios (OLIVEIRA, 2014).⁸

A partir do pressuposto de que a linguagem jornalística é um discurso que constrói representações sobre fatos, lugares, culturas e outros elementos da sociedade, o objetivo geral do trabalho é verificar, sob o ponto de vista da comunicação e, especificamente, do jornalismo, de que maneira o *Periferia em Movimento* constrói representações das periferias paulistanas. Entre os objetivos específicos, estão: explicitar as características do jornalismo de quebrada e verificar de que maneira o slogan do coletivo (“Sobre, para e a partir das periferias”) se reflete no conteúdo editorial da série de reportagens e artigos *À margem da margem*.⁹

Jornalismos, discursos e representações

A relação linguagem-representação-ideologia está presente nas diferentes práticas jornalísticas. Stuart Hall conceitua as representações, as quais dialogam com os conceitos de significação e ideologia. O autor organiza as representações e significações de forma sistemática:

Os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros. Reconhece que o conhecimento ideológico resulta de práticas específicas - as práticas envolvidas na produção do significado. Uma vez que não há práticas sociais fora do domínio do significado (semiótico) serão *todas* as práticas simplesmente discursos? (HALL, 2003, p.179)

Hall explana que não existem práticas sociais além do discurso, pois elas constituem-se na interação entre significado e representação e podem ser representadas, ou seja, não há prática social fora do campo ideológico. Posteriormente, o autor acrescenta uma retificação sobre os sistemas de representação. Hall assume que suas primeiras obras tratam a representação como se o mundo real existisse, como algo separado e fora do

⁸ As semelhanças e diferenças entre o jornalismo de quebrada e as demais práticas de comunicação popular, alternativa e comunitária estão explicitadas no artigo “Sobre, para e a partir das periferias: as características do Jornalismo de Quebrada”. Nas conclusões desse artigo, há um quadro-resumo sobre os hibridismos da prática jornalística do *Periferia em Movimento*. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0586-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

⁹ Publicação seriada composta por 32 matérias publicadas no website do *Periferia em Movimento* entre janeiro e junho de 2014.

discurso. Ainda que as explicações que cercam esses sistemas tragam o conceito de realidade implícito em suas proposições, não há caminhos para acessar esse plano, “pois na medida em que somente podemos conhecer o real através da linguagem, através da conceitualização, como eu seria capaz de contar a você onde isso estaria? Porque eu só posso fazê-lo dentro da linguagem.” (HALL, 2003, p.358). A relação linguagem-representação-ideologia faz-se fundamental na produção dos significados: a linguagem é o meio pelo qual se representa os itens presentes no pensamento e, portanto, torna-se o local em que a ideologia é criada e transformada.

Já Martín-Barbero (2004) ressalta a importância de analisar-se “o possível, o conflito, a mudança, o imaginário e o simbólico” (p.65). Em outras palavras, o autor destaca o papel da análise de discurso como meio de identificar as mediações sociocomunicativas da cultura em textos, falas e outras formas de comunicação.

O jornalismo insere-se em tal relação. Por meio de estruturas textuais próprias, como *lead*, linha fina, pirâmide invertida e outras técnicas, representam-se práticas sociais¹⁰, as quais estão inseridas em ideologias. Nesse cenário, conflitos ideológico-culturais (res) surgem e são traduzidos em discursos. Manuel Chaparro (2014) resume o papel do jornalismo na sociedade:

Jornalismo pertence ao lado dos valores. Integra o universo da cultura, como espaço público dos discursos sociais conflitantes. É objeto abstrato, inserido no cenário humano da complexa construção do presente. (CHAPARRO, 2014, p.26)

Os jornalistas tornam-se mediadores e comunicadores sociais ao propagarem os sistemas de significado pelos quais eles mesmos representam o mundo. A construção de representações jornalísticas consiste também na captação de ângulos do mundo pré-significado e na tarefa posterior de ressignificação, segundo Hall. Tais imagens podem ser apropriadas por meio das ritualidades do processo comunicativo, acompanhadas por hibridismos trazidos pelo consumidor de informação, conforme explica Jorge Pedro Sousa (2000):

Os meios jornalísticos contribuem, ainda, para dotar essas ocorrências, ideias e temáticas de significação, isto é, contribuem para que a essas ocorrências, ideias e temáticas seja atribuído um determinado sentido, embora a outorgação última de sentido dependa do consumidor das mensagens mediáticas e das várias mediações sociais (escola, família, grupos sociais em que o indivíduo se integra etc.) (SOUSA, 2000, p.21)

¹⁰ Não é adequado utilizar a metáfora do jornalismo como espelho da realidade, pois, como não há certezas da existência do real, a consequência é que não existem também reflexos, sejam fiéis ou distorcidos.

Nesse sentido, a revisão bibliográfica sobre a *práxis* comunicacional popular, alternativa e comunitária demonstra a importância de utilizar-se uma metodologia de análise a qual considere a ideologia por trás do discurso. Compreender a forma pela qual ideologias são disseminadas por meio dos discursos é fundamental para identificar uma prática inerente ao jornalismo emancipatório, por exemplo. Segundo Oliveira:

O fato da maioria dos projetos de jornalismo alternativo ou contra-hegemônico se preocuparem, principalmente, na disseminação das ideologias de contraposição, de desmascarar o sistema, de criticar por criticar e de propagandear as ações e posições dos grupos e segmentos subalternizados, em particular as suas entidades representativas. Com isto, o jornalismo contra-hegemônico se aproxima de um discurso de propaganda ideológica. Evidente que tal prática jornalística se explica quando é realizada dentro de órgãos de comunicação de entidades e partidos políticos, porém não se esgota aí as possibilidades do jornalismo. (OLIVEIRA, 2014, p.233)

Os limites de tal modelo decorrem de elementos estruturais do jornalismo, haja vista que a produção de notícias está inserida dentro de um sistema social opressivo e que a propaganda ideológica chega a superar os olhares críticos. Para Oliveira, não há a necessidade de levantar bandeiras, mas sim de superar opressões. Deve-se ainda enxergar o jornalismo como espaço.

Nas práticas jornalísticas alternativas, a análise de discurso também tem papel fundamental para a compreensão da construção de representações e até mesmo de ressignificações acerca de histórias, espaços e debates em geral. O questionamento “alternativo em relação a quê?” trazido por John Downing (2002) auxilia tal entendimento. Sem a consideração da ideologia por trás do discurso, a comunicação alternativa pode ser composta por mídias segmentadas – como jornais e revistas voltadas a condomínios – ou por veículos cujo posicionamento político é contrário ao *status quo*. Identificar os traços ideológicos nos discursos jornalísticos auxilia ainda na diferenciação entre comunicação comunitária e popular¹¹, de acordo com a distinção proposta por Eduardo Y.Yamamoto (2008).

As análises discursivas de produtos jornalísticos demonstram-se, entretanto, desafiadoras. Para representar uma prática social, equipes de jornalismo partem de ideologias e pressupostos e selecionam (perfis de) entrevistados, denominados fontes. Além disso, escolhem-se ângulos e ordem de importância dos fatos. Considera-se ainda a

¹¹ Para Yamamoto (2008), a comunicação popular pode ser considerada como uma evolução do modelo comunitário.

institucionalização da cultura, a relação empresa-jornalista, as construções discursivas, a ação de técnicas, o uso de gêneros (também conhecidos como a materialização dos formatos industriais), as ritualizações e as recepções¹².

Desse modo, para obter-se os resultados, recorreu-se à análise crítica de discurso (ACD)¹³.

ACD: uma bússola metodológica no campo das representações

Por meio do método proposto por Norman Fairclough (2001), o sujeito analisado pela ACD é influenciado ideologicamente, mas não é dominado por completo pela ideologia (WALSH, 2011, p.11). Tal procedimento de pesquisa pressupõe que o discurso tem natureza dialética: deve-se considerar a determinação social e a construção do social na prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2001, p.92).

A ACD surgiu na década de 1980 com o objetivo de verificar o papel da linguagem na transformação social. Marcado pela interdisciplinaridade, o quadro epistemológico central da corrente é composto por Teun Van Dijk (vertente sócio-cognitiva¹⁴), Gunter Kress (semiótica social) e Norman Fairclough (Teoria Social do Discurso).

Fairclough (2001) explicita os objetivos da ACD:

O que se busca é uma análise de discurso que focalize a variabilidade, a mudança e a luta: variabilidade entre as práticas e heterogeneidade entre elas como reflexo sincrônico de processos de mudança histórica que são moldados pela luta entre as forças sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p.58)

Pode-se considerar que a ACD é uma alternativa à Linguística Crítica e à Análise de Discurso Francesa (AD), pois as correntes anteriores “apresentam um desequilíbrio entre os elementos sociais e os linguísticos da síntese, embora tenham pontos negativos e positivos complementares” (FAIRCLOUGH, 2001, p.20). Para o linguista, a análise e

¹² Ver Escosteguy; Fellipi (2013)

¹³ Ao falar sobre a análise de discurso como um procedimento metodológico para pesquisas em Comunicação Social, Manhães IN Barros (2010) elege John Austin como representante clássico da análise de discurso inglesa, definida como pragmática e centrada no papel ativo do sujeito. Em 1962, Austin apresentou a teoria geral dos atos da linguagem (ou do discurso ou dos atos de fala). Apesar de a pragmática austiniana não enfatizar perspectivas sociais do discurso, o autor pregava que “falar é, portanto, intervir no mundo” (Flores, 1994, p.3) e preocupava-se com os elementos encontrados além da linguagem. O autor cita Norman Fairclough, John Searle, Oswald Ducrot e Emile Benvenist como outras referências da análise de discurso inglesa. Apesar da coincidência geográfica, a ACD é posterior aos pressupostos austinianos, cronológica e epistemologicamente.

¹⁴ Van Dijk é responsável por trazer o conceito de contexto ao âmbito da análise crítica de discurso. Segundo o autor, contexto é a estrutura mentalmente representada das propriedades da situação social (VAN DIJK, 2008a, p.119 apud GUIMARÃES, 2012, p.451). O cognitivista explica que a linha proposta por Fairclough desconsidera a interface cognitiva existente na relação entre textos e contextos. Em síntese, a cognição serviria de mediação entre o discurso e a sociedade na visão de Van Dijk, ou seja, as análises críticas deveriam considerar o triângulo discurso-cognição-sociedade. Nas Ciências da Linguagem, tal teoria também é conhecida como Análise Cognitiva (ou sociocognitiva) do discurso.

tratamento textuais são completos na Linguística Crítica, mas conceitos como “ideologia” e “poder” ganham poucas discussões e explicações (idem). Já a AD francesa tem teoria social mais sofisticada, mas falha na análise discursiva.

Melo (2009) explica que

O que é fundamental na AD, e ignorado na ACD, é a complexidade na concepção da estrutura da língua, ou da materialidade linguística, pois nos fornece uma idéia de que a língua se trata de uma estrutura opaca, atravessada pelos eventos sócio-históricos. Mesmo assim, para Fairclough a análise discursiva da escola francesa é tratada em termos semânticos muito estreitos. (MELLO, 2009, p.14)

As bases epistemológicas das análises de linha inglesa e francesa também variam: a AD apoia-se na Psicanálise, em especial no inconsciente freud-lacanian, na linguística estruturalista e no materialismo histórico-dialético. Já a ACD sustenta-se pela Linguística Crítica, por teorias neomarxistas, com enfoque gramsciano, e na Escola de Frankfurt.

A relação dialética proposta na ACD possibilita o trabalho com o quadro teórico da Teoria das Mediações e da comunicação a partir da cultura em geral. A ACD sustenta-se pela Linguística Crítica¹⁵, com enfoque gramsciano e na Teoria Crítica. A relação dialética proposta na ACD possibilita o trabalho com o quadro teórico dos Estudos Culturais Latino-Americanos e da comunicação a partir da cultura em geral.

Na obra de Fairclough, pode-se identificar o objeto de análise da ACD como pós-moderno. A autora também sintetiza que a ACD é caracterizada pela análise da ação por meio de mediação dialética. Mudanças e revoluções reconhecidas pela corrente são associadas ao inconsciente (WALSH, 2011, p.19). Além de reconhecer a possibilidade de mudança a partir da linguagem, a abordagem da Teoria Social do Discurso também conta com concepções de ideologia e hegemonia elaboradas por Fairclough baseadas em Althusser e Gramsci.

As ferramentas oferecidas pela Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) proposta por Fairclough são adequadas para o estudo de reportagens e artigos. Martino (2010) também destaca que “desconstruir o discurso jornalístico pode ser entendido como um esforço para identificar as várias vozes dentro da notícia” (p.35). A adequação ao projeto específico do pesquisador também é uma característica da ACD: “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas

¹⁵ Abordagem desenvolvida na Grã-Bretanha na década de 1970 cuja visão considerava a linguagem como forma de intervenção na ordem econômica e social, segundo resumo de Pacheco (2012).

visões do discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.275). O trabalho com o *corpus* previamente delimitado acontece em três etapas: seleção de dados a partir de pesquisa documental, análises e resultados. A investigação ocorre por meio de microanálise textual e macroanálise de práticas discursivas.

Os textos da série *À margem da margem* foram analisados a partir das seguintes classes particulares de traços: editorias jornalísticas; tematização; tipologia das fontes jornalísticas; organização editorial; distribuição geográfica das reportagens; e histórias de vida. Como ferramenta específica de análise jornalística, foram utilizados os valores-notícia propostos por Traquina (2008) e Wolf (2012). Para complementar as informações sobre a série, utilizou-se ainda a entrevista por telefone com Thiago Borges e a consulta a todas as publicações do coletivo no *Facebook* entre 2013 e 2014.

Considerações finais

Por meio da ACD, constatou-se que as produções do *Periferia em Movimento* extrapolam conceitos como comunicação alternativa, radical, popular, emancipatória, comunitária e participativo-cidadã. Com o papel de bússola metodológica, a ACD também foi fundamental na análise do manifesto do coletivo, no qual foi possível constatar influências, mas não dominações ideológicas.

Verificou-se, portanto, que o jornalismo de quebrada é delineado pelas diretrizes: produções sobre, para e a partir das periferias; democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas; compartilhamento de conteúdo de midialivristas independentes; caráter contra-hegemônico; caráter participativo-cidadão; emancipação de quebradas; disputa de imaginários; incorporação de gírias; preocupação com a informação e formação do leitor; militância pela garantia dos direitos fundamentais; adaptação do conceito de periferia; e especificidade geográfico-espacial. Mais do que uma prática isenta, o jornalismo de quebrada constitui-se em um formato comunicacional simultaneamente combativo e emancipatório.

Pode-se considerar ainda que o jornalismo de quebrada diversifica angulações em relação aos temas tratados pela mídia convencional. Financiamento de atividades e manutenção de equipes para projetos em grande escala são os principais desafios desse modelo comunicacional.

Quadro 1 – Reelaborações e hibridismos do Jornalismo de Quebrada

Modelo comunicacional	Semelhanças em relação ao Jornalismo de Quebrada	Diferenças em relação ao Jornalismo de Quebrada
Alternativo	<ul style="list-style-type: none"> • É um meio de democratização do cenário comunicacional brasileiro; • Há preocupação com a informação e formação do leitor; • Produção jornalística voltada às transformações sociais • Valorização do texto literário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicidade escassa; • Ausência de conteúdos em âmbito nacional e internacional; • Sob o ponto de vista histórico, não tem semelhanças com o conteúdo e formato dos pasquins.
Comunitário	<ul style="list-style-type: none"> • Trata de diferentes comunidades paulistanas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Propriedade do meio não é coletiva; • Relações entre emissores e receptores não é horizontal.
Popular	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação a partir das periferias; • Busca pela hegemonia popular. 	<ul style="list-style-type: none"> • Termo ainda não engloba todas as dimensões do jornalismo de quebrada.
Radical	<ul style="list-style-type: none"> • Também extrapola os limites da comunicação popular, alternativa e comunitária; • Sensibilidade às aspirações e vozes dos excluídos; • Preocupação com o uso de formatos mais baratos, como os digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Há distinção entre produtores e receptores; • Não existe rompimento de regras.
Emancipatório	<ul style="list-style-type: none"> • É engajado; • Toma a posição dos excluídos; • Não se preocupa apenas com a 	<ul style="list-style-type: none"> • Disseminação de ideologias contra-hegemônicas, em tom de propaganda ideológica.

	denúncia; • “Periferia em Movimento é busca por emancipação.”	
--	--	--

Fonte: As autoras, 2016

Por meio dos temas da série *À margem da margem*, já é possível encontrar pistas acerca das representações construídas a partir do discurso do *Periferia em Movimento*. De modo global, o projeto priorizou os temas imigração (5 textos), religião (5), drogas (4 textos), pessoas com deficiência (4), identidade periférica (3 textos), terceira idade (3), índios (3), movimento LGBT (3) e definição de periferia (2). Outra característica geral da série é a distribuição geográfica abrangente das reportagens. Ao longo dos 32 textos, citou-se 63 lugares diferentes. Os mais citados foram: Grajaú (quatro menções), Cidade Tiradentes (3), Itaquera (3) e Glicério (3). Nesse aspecto, constata-se o papel das vivências no jornalismo de quebrada, tendo em vista que o distrito no qual um dos fundadores do coletivo reside - o Grajaú - é o mais presente na série.

A editoria com maior número de textos na série *À margem da margem* foi Cultura e Identidade, com nove matérias. O dado demonstra a preocupação do coletivo em representar as margens das margens paulistanas por meio de aspectos identitários, contribuindo, desse modo, para emancipar as quebradas e disputar imaginários. Falar sobre vida nas cracolândias, favelas habitadas por índios, redigir perfis de transexuais e descrever a vida de imigrantes periféricos são alguns dos exemplos do caráter contra-hegemônico do jornalismo de quebrada aplicado na série *À margem da margem*. A segunda editoria mais retratada na série foi “Contra o Genocídio”, com seis reportagens. Em terceiro lugar, houve a presença de quatro textos pertencentes à editoria Gênero e Sexualidade. Os números demonstram a preocupação com a informação e formação do leitor, além da militância pela garantia dos direitos fundamentais. Em quarto lugar, as editorias Terceira Idade e Resistência Indígena empataram, com três reportagens em cada uma. Nesse caso, os textos foram consecutivos, formando blocos editoriais. Foram publicados ainda dois textos sobre Mobilidade, dois sobre Moradia, dois sobre Trabalho e Renda, além de uma reportagem sobre Educação. Observa-se ainda o uso de diferentes formatos de textos para construir representações sobre as periferias: o gênero predominante foi a reportagem, com espaço para perfis e/ou mini-perfis em cada bloco editorial. Os temas “identidade periférica”,

“pessoas com deficiência” e “religião” foram contemplados por artigos. Outros formatos, como entrevistas pingue-pongue, foram usados ao longo da série.

O jornalismo de quebrada praticado em *À margem da margem* tem como ferramentas jornalísticas específicas o uso de fontes primárias, independentes e testemunhas, o que confirma a hipótese levantada no início do estudo. De modo geral, percebe-se que os critérios de noticiabilidade utilizados na série são os mesmos presentes nas teorias de Nelson Traquina e Mauro Wolf. Nesse sentido, vale ressaltar que, na maioria das reportagens analisadas, o uso de recursos inerentes ao meio digital não é explorado pelo coletivo. Na perspectiva da comunicação popular, alternativa e comunitária, pode-se reafirmar a crítica de que a internet possibilita que projetos nessa área tenham intercâmbios regionais, nacionais e internacionais. Por outro lado, o tecno-apartheid pode impedir que o público-alvo de publicações populares, alternativas e comunitárias receba tais mensagens.

Referências Bibliográficas

À margem da margem. Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/categoria/projetos-especiais/projetos-em-andamento/a-margem-da-margem/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. Disponível em: < <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BENETTI, Márcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação:** uma abordagem metodológica. Revista Intexto, Porto Alegre, v.1, n.14, p.1-11, jan/jul 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/26572>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo:** linguagem dos conflitos. São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. (Vol. 1: Economia, sociedade e cultura)

CREPALDI, Lilian; SALLES, Juliana. Sobre, para e a partir das periferias: as características do Jornalismo de Quebrada. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 38, 2016. Salto. Anais Eletrônicos do XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Salto: Intercom, 2016. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0586-1.pdf> > . Acesso em: 10 jul. 2016.

DOWNING, John. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; FELLIPI, Ângela. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **Revista Rumores**, São Paulo, n.14, vol. 7, jul-dez 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69427/72007>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARIA, Daiana Oliveira ; ROMÃO, Lucília Maria Sousa . **Análise do Discurso francesa**: revisitação epistemológica e questões centrais. *Linguasagem* (São Paulo), v. 18, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/ensaios/001.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

FIORUCCI, Rodolfo. A nova geração do jornalismo crítico: mídia alternativa. **Revista Diálogos**, v. 15, n. 2, Maringá, maio / agosto 2011. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526548005.pdf>> . Acesso em: 17 ago. 2015.

FLORES, Teresa Mendes. **Agir com palavras**: a teoria dos actos de linguagem de John Austin. Lisboa, 1994. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf>>. Acesso em: 25 mai.2015.

FONSECA, Virginia; LINDEMAN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e práticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 34, dezembro de 2007. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4589/4308>>. Acesso em: 24 out. 2015.

FLORES, Teresa Mendes. **Agir com palavras**: a teoria dos actos de linguagem de John Austin. Lisboa, 1994. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf>>. Acesso em: 25 mai.2015.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GUIMARÃES, Cleber Pacheco. *Análise Crítica do Discurso: Reflexões sobre Contexto em van Dijk e Fairclough*. Revista **Eutomia**, v. 1, n. 09 (2012). Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/959>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HAUBRICH, Alexandre Freitas. Reflexões e caracterizações sobre mídias alternativas. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3951-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LARUCCIA, Mauro Maia; NASCIMENTO, Jarbas Vargas do; PAULON, Andréa. **Análise do discurso: Fundamentos Teórico- Metodológicos**. Revista Diálogos Interdisciplinares, Mogi das Cruzes, v.3, p.25-45, 2014. Disponível em: <<http://www3.brazcubas.br/ojs2/index.php/dialogos/article/view/42>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo** IN MARQUES, Ângela; COSTA, Caio Túlio; COELHO, Cláudio Novaes Pinto; et. al.. *Esfera pública, Redes e Jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

Manifesto do Coletivo Periferia em Movimento. Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/manifesto/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise do discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e interseções**. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>>. Acesso em: 15. Mai. 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídias e de culturas**. São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção Grupos de Pesquisa, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; v3). Disponível em: <http://www.geografias.net.br/pdf/livros/colecao_gps_3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação**: uma práxis jornalística nos conceitos de Paulo Freire. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/11511782/OLIVEIRA_Dennis_de_-_Jornalismo_e_a%C3%A7%C3%A3o_cultural_pela_emancipa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 out. 2015.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Os riscos da juventude. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n.3, p.36-50, 2010. Disponível em: <<http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/download/221/208>>. Acesso em: 15 set. 2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108/1247>>. Acesso em: 10 fev. 2015. (2009a)

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-ago 2009, p.46-61. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/947>. Acesso em: 28 mar. 2015. (2009b)

Quem Somos. Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 mar.2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: MineiraCoimbra, 2000.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão**: informa ou deforma? UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/792/1/Jornalismo%20cidad%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WALSH, Bianca. **A Noção De Discurso Na Ad Peucheutiana e Na Acd De Fairclough e Implicações Nos Diferentes Modos de Análise**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/521>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **A natureza da comunicação popular e comunitária** IN FUSER, Bruno (org.). **Comunicação para a cidadania: caminhos e impasses**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.